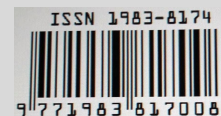


V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino,
pesquisa e extensão”



AUSÊNCIA DO PERMANECER

Élida Maria Pereira Gomes, Rubens Venâncio

Resumo: “Ausência do permanecer” é um trabalho artístico desenvolvido a partir de negativos fotográficos de família, onde trago a exploração visual do negativo e positivo e os temas da memória e o esquecimento por meio dessas imagens. Imagens apagadas pelo tempo tanto de forma física quanto nas narrativas das pessoas que vivenciaram esses momentos, onde as recordações sobre as imagens e a dificuldade de se reconhecer e conhecer quem está no registro por conta das manchas contidas nelas vem cobrir estes registros e fazer com que as memórias sobre elas caiam em esquecimento, além de se tornar e um apagar contínuo ao decorrer do tempo.

Palavras-chave: Memória. Poética. Tempo. Fotografia. Família.

1. Introdução

A pesquisa desenvolvida consiste na exploração visual do positivo e do negativo fotográfico de família onde a partir das narrativas de familiares sobre as recordações fui levada a me concentrar nesse material, no qual o tempo havia corroído os rostos e que já não se identificava quem seriam as pessoas ali presente – justamente um retrato de um casal em sua pose clichê. Onde os clichês são aquelas imagens que vem a supor um espaço de subjetividade, em que têm territórios capturados e imóveis, e suas fronteiras são estáveis (PARENTE, 2015).

Os clichês mostram algo particular e que vem a ser registrado a partir da imagem no qual está mostrando um momento que já passou, mas que com o tempo pode vir a se perder. E as recordações que traziam sobre o negativo era apenas do não lembrar, de não identificar, uma memória do esquecimento, do que se apagou do que um dia se viveu e que me fez pensar sobre como o esquecimento caracterizou o olhar dessas pessoas sobre essa imagem, em forma de uma vaga lembrança.

Porém, ao decorrer da pesquisa acrescentei ao trabalho outros negativos que, assim como o que deu início a “Ausência do permanecer”, também trouxe esses clichês da imagem como contém também as manchas de tempo sobre elas apagando estes momentos que foram registrados e que vem a se perder pelo tempo guardado – mas que não se tem o positivo das imagens como o negativo do casal, assim ficando esses fragmentos de lugares e

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



peças sem um rosto identificado, apenas o que eu e meus familiares se lembram a partir do que é mostrado quando colocadas contra a luz, sendo assim apenas uma lembrança do que se é possível ver pelo que se resta dessas imagens.

Um registro jamais consegue conter o real; uma nota não pode abarcar toda memória; uma foto convoca a lembrança, porém segue enquanto dispositivo traiçoeiro que suspende, mas não detém tempo. (ARAÚJO, 2015, p.27 à 28).

É algo que não se tem como controlar, tanto do seu estado físico quanto nas memórias das pessoas que um dia puderam viver estes momentos. O negativo com essas marcas trazem um registro que está se perdendo aos poucos e junto a isso há um processo de esquecimento. As poucas lembranças que são recordadas a partir delas não trazem o que realmente aconteceu naquele momento, mas são resquícios do acontecido assim como esses negativos manchados que trazem pequenos fragmentos da imagem.

Com os negativos digitalizados exploro a permanência das manchas do tempo ao destacar na imagem as características do formato e suas visualidades. Pode ser visto neste trabalho, a imagem de alguns negativos com alterações de cor para que fosse possível ver melhor a imagem registrada, apenas uma foi passada para o positivo a qual está sem alterações de cor e os dois formatos remetem a esse fragmento de lembrança e esquecimento. Não colocar para o positivo também possibilita imaginar quem é aquela pessoa da imagem, qual lugar é este que vem a aparecer, quando foi tirada esta foto e por quem – é buscar memórias a partir de pequenas imagens e relatos sobre ela sem a certeza do que se é visto. São mostrados nelas vestígios de lugares visitados, pessoas que é possível identificar e outras não, em uma busca incerta entre as recordações de minha família.

Essas imagens também me fizeram ver que as tecnologias digitais fizeram com que imagens em formato analógico fossem sendo esquecidas e trocadas por meios mais rápidos de registrar – mesmo considerando que esse formato nunca foi inteiramente descartado e que seus usos pela arte se multiplicam. Pois ficaram esquecidas na gaveta por anos, onde alguns filmes não foram revelados e com o passar do tempo o desgaste foi tomando conta do que foram aqueles momentos.

2. Objetivo

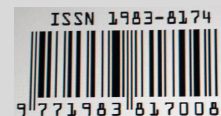
- Refletir sobre o uso de arquivos na arte a partir de memória familiar, no caso, um trabalho sobre lembrança e esquecimento ativados por determinados objetos.

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



- Pensar sobre como o esquecimento caracterizou o olhar dessas pessoas sobre essas imagens.
- Explorar as manchas do tempo nas imagens a partir da dificuldade de identificação.
- Perceber as mudanças no formato de registro dessas imagens e olhar para o que temos atualmente.

3. Metodologia

Tenho como parâmetro metodológico a *Poiética* de René Passeron que se define no conceito de instauração da obra artística. Onde o objeto da poiética se constitui na obra se fazendo e não a ser feita ou acabada, pois é preciso levar em consideração a formação de significados a partir de como a obra é feita (REY, 2000). A poiética é a própria instauração da obra, estuda a ação sobre a criação.

A poiética não é a criação. É o pensamento possível da criação. Ela trata de elucidar, tanto quanto é possível fazê-lo, o fenômeno da criação e, no mínimo, precisar sua colocação na Antropologia. Dizemos que é, simultaneamente, ciência e filosofia da criação. (PASSERON, 2004, p.10)

E que é o estudo da obra em processo, guiando-me na elaboração da narrativa visual, no caso: a observação da digitalização dos negativos, o processo de recordação construído por mim e meus familiares, a elaboração das reflexões conceituais e a exploração da plasticidade do objeto.

Para o desenvolvimento do trabalho diálogo com Assmann (2011), a qual reflete as diferentes formas da recordação e que me faz entender a definição sobre memória e recordação em meu processo de criação. Araújo (2015), que me fez pensar a construção da memória e do seu apagamento. Parente (2015), que traz os clichês de imagens a qual supõe um espaço de subjetividade. Didi-Huberman (2011), que fala sobre a sobrevivência da imagem e que me fez entender melhor as imagens a que vinha trabalhando na pesquisa a partir da metáfora dos vaga-lumes enquanto luz passageira. Bem como o filme "Histórias que existem quando lembradas", que me ajuda a pensar como a fotografia nos conta muito e pouco ao mesmo tempo e que nos leva de volta a momentos que vivemos quando revisitadas novamente.

4. Resultados

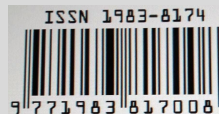
V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"

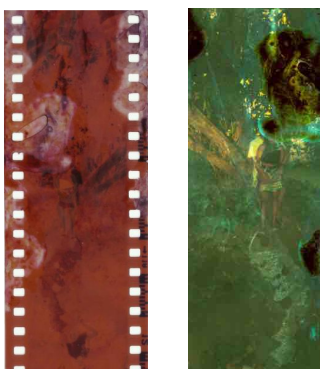
ISSN 1983-8174



Ao perceber que o trabalho precisava crescer, voltei a rever os negativos fotográficos de minha família e como não foi possível passar para o positivo trabalhei focando nos negativos, onde o não reconhecimento das pessoas presentes na imagem pelo seu desgaste me fez perceber como a imagem e as narrativas orais pode ser um dispositivo para a lembrança, mesmo quando o esquecimento de algumas imagens está presente nas narrativas sobre elas, pois trás resquícios, mesmo que poucas, onde coloca quem ver essas imagens a voltar para aqueles dias e a contar o pouco do que se recorda para quem não vivenciou estes momentos, e que também me mostrou novos pontos a serem trabalhados.

Abaixo trago a imagem do negativo e do positivo que deu início ao trabalho onde no negativo se tem uma dificuldade maior para saber quem é as pessoas na imagem e no positivo já é possível ver mais detalhes, como as pessoas, a cor e as manchas cobrindo o rosto do casal – e também alguns dos negativos que foram acrescentados posteriormente que estão mais detonados pelo tempo e que trazem apenas fragmentos de imagens de lugares e pessoas no qual estão quase a se perder por conta das manchas que tomaram conta do registro, já o outro trás apenas marcas do negativo que estava sobre ele, onde não tem algo a mostrar, mas que por suas manchas trazem o tempo impregnado neste material a qual não tem o que revelar algo como os outros vem a trazer.

Figura 1: Negativo digitalizado. **Figura 2:** Positivo digitalizado.



(Fonte: Élide Maria)

Figura 3: Negativo digitalizado.

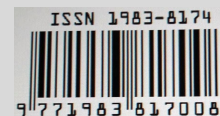


V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

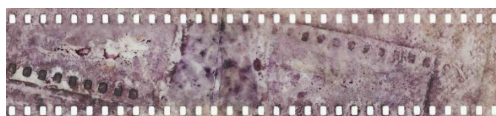
07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



(Fonte: Élide Maria)

Figura 4: Negativo digitalizado.



(Fonte: Élide Maria)

5. Conclusão

A reflexão que construí continua sendo sobre o esquecimento a partir da imagem fotográfica analógica atravessada por processos digitais e sobre a recordação das narrativas de minha família – algo que está em meu processo de criação. Todo o referencial apresentado me fez ver e refletir sobre meu processo de criação pautado em imagens e narrativas, expandir a análise para além de uma imagem individual onde é algo que precisou crescer em que me impulsionou mais ainda, bem como meu repertório para a realização de novos trabalhos.

6. Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas de transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ARAÚJO, Iris Helena França de. **Práticas de arquivo-morto**. 2015. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 119, 2011.

PARENTE, André. **Passagens entre fotografia e cinema na arte brasileira**. Rio de Janeiro, v. 2, 2015.

PASSERON, René. **A poética em questão**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, v. 13, n. 21, 2004.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, 123-40.